

Potência do falso: o jogo entre verdade e falsidade

Puissance du faux: le jeu entre vérité et mensonge

Maria Laura Magalhães de Carvalho
mestranda do PPGF/ UFRJ
CNPQ

Resumo: Com este texto procuro as ressonâncias entre o pensamento dos filósofos Gilles Deleuze e Jacques Derrida, no que diz respeito a seus estudos sobre a verdade e a falsidade. Os dois se debruçam sobre Nietzsche para tratar do assunto e minha hipótese é que se pode vê-los como forças complementares no jogo de composição de um corpo.

Palavras-chave: Potência do falso; jogo; Deleuze; Derrida

Resumé: Dans ce texte je cherche les résonances entre la pensée des philosophes Gilles Deleuze et Jacques Derrida, à l'égard de ses études sur la vérité et le mensonge. Les deux tombent sur Nietzsche quand ils en parlent et mon hypothèse est que l'on peut les voir comme des forces complémentaires dans le jeu de la composition d'un corps.

Mots-clés : Puissance du faux ; jeu ; Deleuze ; Derrida

Meu interesse por Derrida surge da vizinhança de seu pensamento com o de Gilles Deleuze. Escolhi tratar sobre o tema verdade e falsidade, partindo da interpretação deleuzeana de Nietzsche. Paralelamente, em *Éperons*, texto em que Derrida se debruça sobre algumas questões nietzscheanas, o autor fala da impossibilidade da verdade, sempre sob véus que se sobrepõem e são sobrepostos. Neste ensaio trato a visão dos dois filósofos como complementares, como forças que compõem a potência do falso.

Meu contato com a filosofia de Jaques Derrida é recente, por isso não pretendo aprofundar a questão demasiadamente. No entanto, não me sinto estrangeira dentro de minha proposta. Deleuze me agrada pela incessante busca do novo em sua relação com a diferença e Derrida pelo privilégio do talvez, da incerteza ou da impossibilidade de certeza. Por isso o tema da verdade e falsidade pareceu-me o mais adequado quando pensei em falar do avizinhamento desses dois pensamentos. Os termos verdade e falsidade não estão desconectados, a definição de um depende da definição do outro, já que eles encontram-se em relação, como num jogo. Assim, o que trago aqui são as inquietações que o pensamento de Deleuze e o de Derrida me provocam.

Ao falarem da questão da verdade e da falsidade, tanto Deleuze como Derrida evocam Nietzsche, denunciando uma certa vontade de verdade como vontade de dominação, como ação ordenante e moralizante que tem por trás de si a mentira, a falsidade comandando um jogo de vai e vem que por vezes a traz à tona, acabando assim com a vã pretensão daquela ingênua vontade de verdade.

Deleuze fala de Nietzsche como um dos primeiros que rompe com o privilégio da verdade, promovendo uma real crítica à metafísica¹. A crítica da verdade de Nietzsche exprime

¹ DELEUZE, G. 1976. p. 66.

a inexistência e inacessibilidade do mundo, para justificar que um suposto homem verídico utiliza-se de um sistema de julgamento para buscar um valor superior, colocando a verdade num patamar da moralidade, enquanto a vida é o valor superior e, por isso, não deve ser justificada.

Segundo Deleuze, Nietzsche parte do jogo entre os conceitos de essência e aparência. Para ele, a essência não é algo objetivo e universal². Colocada para além do bem e do mal, é apenas um simulacro, a resposta da sua genealogia da moral que desloca qualquer valor para fora de uma dimensão suprema. Todos os valores são vontades de potência do homem, ou seja, toda verdade é essencialmente falsa. Para a existência da organização social, porém, surge “uma obrigação moral de mentir segundo uma convenção estabelecida”.³

Deleuze lembra que Nietzsche volta ao momento que considera o mais mentiroso da história universal: aquele em que o homem se viu como um animal racional, portanto, superior a todos os outros seres e se colocou no centro do mundo, inaugurando o mundo moderno. O homem põe-se no centro, pois julga-se o único capaz de conhecer a verdade. A vaidade humana cria o instinto de verdade, sentimento enraizado em todos os seres desta espécie. Nietzsche cita Hobbes ao dizer que este instinto surge quando o homem sente a necessidade de se relacionar com os outros indivíduos⁴. Viver em sociedade pressupõe o travestimento, a adoção do ilusório instinto de verdade.

² Como em *Assim falou Zaratustra, Além do bem e do mal, Genealogia da Moral, Crepúsculo dos Ídolos*.

³ MACHADO, R. 2002. p. 101.

⁴ NIETZSCHE, F. 2002. p.10-11.

Aí está, para Deleuze, a questão do conceito de verdade em Nietzsche: não podemos conhecê-la, ela não existe, um mundo em si não existe, pois todo conhecimento é interpretativo. A verdade que julgamos conhecer é uma máscara criada por nós e ajustada para caber na face das coisas que queremos conhecer. Isto começa com a linguagem. Damos nomes àquilo que vemos, distribuímos designações arbitrárias às coisas e assim temos a ilusão de conhecê-las. Isso se estende para a lógica e para a razão. O mesmo vale, portanto, para o trabalho do filósofo, já que este depende das palavras para formar os conceitos. Segundo os primeiros textos de Nietzsche, todo conceito é formado a partir da “identificação de não idênticos”⁵. Um conceito é aqui entendido como uma palavra que deixa de designar o caso particular ao qual corresponde no instante de sua nascença e passa a abranger diversos casos similares. Cria-se a questão do modelo: o conceito de casa designa todo o conjunto de imagens que se assemelham ao modelo que tal conceito estabelece: o modelo nos remete ao conceito.

Daqui segue-se mais um ponto fundamental da crítica de Nietzsche, a questão da rejeição dos sentidos. Nietzsche diz que os filósofos rejeitaram “o testemunho dos sentidos porque estes mostravam multiplicidade e mudança”⁶. Diante de uma realidade complexa, em eterna mutação, escolheu-se dizer que os sentidos enganam e que há uma verdade maior que está para além do sensorial. Para chegar até ela deve-se reduzir a multiplicidade a um modelo e segui-lo. Nietzsche critica os que chama de metafísicos por colocarem a verdade como um valor acima de todos os outros valores, como algo que deriva de um outro mundo que não o sensível, considerado enganador. Os

⁵ NIETZSCHE, F. 2002. p.15.

⁶ NIETZSCHE, F. 2006.

verdadeiros valores que adviriam deste outro mundo teriam origem própria, ou seja, seriam inquestionáveis, pois não são criados por nós, mas existem desde sempre a partir de um ser oculto e absoluto, maior. Esta postura de busca de respostas fora do mundo sensível, Nietzsche chama de preconceito dos filósofos já que não passa de uma crença.

Derrida considera que, para Nietzsche, a relação com a verdade é uma relação à distância e cita uma passagem da *Gaia Ciência*: “ (...) O encanto e poderoso efeito das mulheres é, para usar a linguagem dos filósofos, um efeito à distancia, uma *actio in distans*: o que requer, antes e acima de tudo – *distância!*”⁷. A Razão, a Verdade foram criadas pelos homens, os mesmos que criaram a declaração de direitos do homem e do cidadão e que inventaram a divisão entre masculino e feminino. Os mesmos que dão voltas em círculos procurando solucionar o problema que criaram para si ao levar tão a sério suas invenções.

Mas, por outro lado, o filósofo que crê nesta verdade que é mulher, crédulo e dogmático, que crê tanto na verdade quanto na mulher, não entendeu nada. Não entendeu nada nem da verdade nem da mulher. Pois se a mulher é verdade, ela sabe que não há verdade, que a verdade não tem lugar e que não se tem a verdade. Ela é mulher na medida em que não crê na verdade, portanto, nisto que ela é, nisto que se crê que ela é, e que, portanto, ela não é. Assim opera a distância quando ela furta a identidade própria da mulher, desmonta o filósofo cavaleiro, a menos que este não receba da própria mulher duas esporas, golpes de estilo ou golpes de punhal, cuja troca embaralha, então, a identidade sexual. (DERRIDA s/ano: p. 13-14)

⁷ DERRIDA, J. s/ano, p. 11.

O feminino ficou de fora de tudo isso e, justamente por não ter se imposto a obrigação de levar as coisas tão a sério, tomou a espora e comanda o jogo. Hora deixando o masculino entrar e comandar, hora retomando para si o comando, numa metamorfização, numa troca, numa aceitação da diferença, do véu, da falsidade ou da potência do falso, como diria Deleuze. Uma potência criadora do novo, da *différance* tão cara aos dois.

Nietzsche segue dizendo que o que possibilita este comportamento é a faculdade do esquecimento. Esqueçemo-nos que fomos nós mesmos que forjamos este mundo verdadeiro que estaria além de nosso mundo aparente e ao qual acederíamos se seguíssemos preceitos maiores, modelos, uma moral, que pode provir da religião ou da ciência. Que diferencia isso de uma mentira? A linha é muito tênue e quase indiscernível. Escolhemos esquecer que, em nossa busca pela verdade, o recurso mais próximo tem sido a mentira, pois, se a verdade foi criada por nós mesmos, ela pode ser mais um erro como tantos outros.

Ainda segundo Deleuze, Nietzsche opõe à filosofia metafísica a relação histórica entre a verdade e a moral, mostrando que os valores de verdadeiro, bom e justo não estiveram sempre aí, mas vieram a ser, ou seja, foram criados, não por um ser absoluto, mas por nós mesmos. O instinto de verdade é um instinto de sobrevivência. Para que a organização social possa continuar, surge uma obrigação moral em relação à verdade. Os mentirosos são taxados de amorais e logo postos à margem da sociedade. A partir daí, edifica-se todo um mundo racional, lógico, de leis e delimitações que se vai opor ao mundo intuitivo e colocar-se como instância reguladora. “O homem é a medida de todas as coisas” (Protágoras) e se apóia sob seu esquecimento, colocando as metáforas que ele mesmo criou no lugar das coisas, ignorando os sentidos para poder construir uma organização.

O conhecimento não é transcendente, não é algo que vem de fora, o homem é criador de todos os seus valores. O

homem interpreta e dá um sentido humano às coisas. O resultado é o mundo articulado. A verdade é procurada para ser válida e comum e a linguagem dá as primeiras leis da verdade. A verdade e a mentira são relativas, válidas para um ponto de vista moral, a partir do qual o homem vai estabelecer padrões para lidar com o mundo: julgando as coisas que nele estão pelos seus próprios valores e ignorando o fato de que outras interpretações são possíveis. É por isso que, segundo Deleuze, Nietzsche pode dizer que o que é importante quando se avalia um juízo é se, e em que medida, ele contribui para a afirmação⁸ da vida. E é daí que vem a crítica da metafísica de Nietzsche: uma filosofia que não proclame uma moral não existe, mas o problema reside na filosofia que promove valores que estão fora deste mundo e buscar algo que está fora da vida é depreciá-la.

A falsidade de um juízo não pode servir-nos de objeção contra o mesmo: talvez nossas palavras soem estranhamente. A questão é saber quanto ajuda tal juízo para favorecer e conservar a vida, a espécie e tudo quanto é necessário à sua evolução. (...) Admitir o erro como condição da vida é rebelar-se contra os atuais conceitos de valor, e uma filosofia que a tal se atreve coloca-se por isso além do bem e do mal. (NIETZSCHE, 2009, pg. 15)

Ao invés de uma doutrina do juízo regida pela verdade, um sistema dos afetos que se auto-gerencia pelo combate-entre. Ao fim e ao cabo, da expressão maior da vontade de potência.

⁸ O termo conservação é utilizado no texto que adotamos como referência, o livro *Além do Bem e do Mal*, mas é posteriormente abandonado por Nietzsche, já que não alcança inteiramente o conceito que traduz. Nietzsche vai preferir a palavra expansão, conforme podemos observar em *Crepúsculo dos Ídolos e Ecce Homo*, por exemplo.

A “mulher” se interessa, deste modo, tão pouco pela verdade, ela acredita tão pouco nela, que a verdade a respeito de si não lhe diz mais respeito.

É o “homem” que acredita que seu discurso sobre a mulher ou sobre a verdade (...) diz respeito à mulher. Que a circunvê.

É o “homem” que acredita na verdade da mulher, na mulher-verdade.

(...)

ela joga com a dissimulação, o enfeite, a mentira, a arte, a filosofia artista; ela é uma potência de afirmação. (DERRIDA, s/ano: p. 18 e 21)

Em *Éperons*, Derrida evoca os estilos de Nietzsche e traz o feminino enquanto estilo, colocando-o como o dono da espora, ou seja, aquele que domina o jogo. A utilização metafórica da mulher como verdade ao falar de estilo encontra seu porque na medida em que o filósofo se interessa pela escritura e não pelo conteúdo:

Desde o momento em que a questão da mulher suspende a posição decidível do verdadeiro e do não verdadeiro, ela instaura o regime epocal das aspas para todos os conceitos pertencentes ao sistema desta decidibilidade filosófica, ela desqualifica o projeto hermenêutico postulante do sentido verdadeiro de um texto, ela libera a leitura do horizonte do sentido do ser ou da verdade do ser, dos valores de produção do produto ou da presença do presente – e disto, o que se desencadeia é a questão do estilo como questão da escritura, a questão de uma operação esporeante mais poderosa que todo conteúdo, toda tese e todo sentido. (DERRIDA s/ano: p. 39-40)

Derrida chama atenção para o fato de Nietzsche fazer sua filosofia utilizando diferentes estilos. Nesse sentido, buscar

algo potencialmente presente embaixo do estilo talvez não seja tão frutífero quanto ler o próprio estilo do texto. Neste livro, Derrida põe o acento no véu, na máscara, na falsidade ou na potência do falso.

O próprio texto já parte de um simulacro, Derrida começa o livro dizendo:

“O título destinado para esta seção seria a *questão do estilo*.

Mas - a mulher será meu tema.

Restar-se-ia a se perguntar se isso vem a ser o mesmo - ou o outro”⁹.

No capítulo seguinte coloca: “Deixemos o élitro flutuar entre o masculino e o feminino”¹⁰. Identifico já no início do livro sinais da aproximação de Derrida com Deleuze. A questão do indecidível se coloca aqui como ponto central a ser tratado ao longo de *Éperons*. Derrida se entrega ao jogo das forças, deixa que elas se confundam em seu combate e se alternem ao longo do texto. Qual é o tema do livro? E a que conclusão chega? São perguntas que não encontram resposta. Há que se deixar levar, entrar no jogo, aceitar o combate, vestir as máscaras e participar do baile da potência do falso.

Deste modo, o estilo pode também, com sua espora, se proteger contra a ameaça terrificante, cega e mortal (do) que se apresenta, se oferece à vista com teimosia: a presença, e, por conseguinte, o conteúdo, a coisa mesma, o sentido, a verdade – a menos que isso não seja já o abismo deflorado em todo este desvelamento da diferença. (DERRIDA s/ano, p. 7)

⁹ DERRIDA, J. s/ano. p. 6.

¹⁰ DERRIDA, J. s/ano. p. 7.

A idéia de jogo parece-me ser um elemento fundamental na aproximação de Deleuze e Derrida em suas leituras de Nietzsche. O estilo, a escritura como jogo em Derrida, deixando de lado a verdade de um conteúdo, fazendo o conteúdo aparecer no próprio jogo do estilo. E o jogo de forças em Deleuze como principal característica do sistema dos afetos que vê na filosofia de Nietzsche. O jogo de Derrida é como a relação de Deleuze. Em *Nietzsche e a filosofia* Deleuze defende a filosofia crítica como “obra de desmistificação”¹¹. A palavra desmistificação ganha peso aqui, pois a ação que denota não implica na criação de outros mitos que substituam os existentes, mas na multiplicação deles. Que por trás do mito que cai haja outro e ainda outro para que então finalmente se possa colocar em questão a própria mistificação. Deleuze fala na criação de conceitos e a prática de forma compromissada: o que vale nos conceitos que cria é a definição. Ele não “eleva” um termo ao lugar de um conceito, não mistifica a palavra. Ao longo de suas obras vemos conceitos mudando de termos, por vezes isso acontece numa mesma obra: termos que se alternam designando um mesmo conceito, como as forças da potência do falso. O que interessa a Deleuze é que a relação de combate-entre permaneça, podendo os termos mudarem a qualquer momento. E o estilo, a escritura é também como potência do falso, como o terreno onde o jogo de forças acontece. Terreno este que configura o próprio indecível de que trata Derrida: não é um conceito, nem um significado nem mesmo uma representação destes, mas sim um termo que é ele mesmo lugar do jogo da *différance*. Como pode-se ver em *Éperons, véus, verdade, enfeite*, entre outros, marcam o indecível, todos designando a mesma coisa.

De-limitar, desfazer, desfazer-se... tratando-se do véu, isto não lembra ainda o desvelar? Ou seja, destruir um fetiche? Esta questão,

¹¹ DELEUZE, G. 1976. p. 73.

enquanto questão (entre *logos* e *theoria*, dizer e ver) permanece interminavelmente (DERRIDA s/ano, p. 40)

Referências bibliográficas

DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DERRIDA, J. *Esporas, os estilos de Nietzsche*. Tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues ainda não editada.

MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, F. *Vérité et mensonge au sens extra-moral*. Paris: Babel, 2002.